



PROCESSOS EDUCACIONAIS NA AMAZONIA: breve análise sobre alfabetização na perspectiva freireana

Marcos Afonso Dutra ¹
Artemis de Araújo Soares ²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar alguns dados estatísticos acerca do processo da alfabetização e da leitura no Brasil, com recorte específico para região Norte – Amazonas. A fim de consubstanciar este trabalho, recorreremos ao livro “A importância do Ato de Ler – em três artigos que se completam”, de Paulo Freire, selecionamos também alguns excertos do livro O Capital, Karl Marx para assegurar que processo de alfabetização, quando está “preso” as amarras ideológicas da burguesia, não levará o povo a emancipação humana, pois o povo não se tornará crítico e nem agente de sua própria transformação. A escolha das obras faz parte do procedimento metodológico (análise textual) e se deu em função delas terem sido trabalhadas no decorrer da disciplina Pensamento Social na Amazonia. Sabemos que os estudos freireanos se coadunam aos escritos de Marx, é a partir do pressuposto teórico desses dois autores que analisamos os dados estatísticos sobre a alfabetização na Amazônia. Ao fim da análise percebemos que um processo educacional elitista, além de segregar a oferta de conhecimento ao povo menos favorecido economicamente, aumenta ainda mais fosso social quando a educação prioriza sujeitos da classe dominante em detrimento aos da classe dominada.

Palavras-chave: Amazônia, educação, alfabetização.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar alguns dados sobre o processo educacional no Amazonas, em especial aquele que envolve questões relacionadas com a leitura e com a alfabetização, busca fazer uma articulação desta categoria com a obra de dois autores Paulo Freire e Karl Marx. Por se tratar de um trabalho de cunho científico e a fim de fundamentar teoricamente nossos argumentos, selecionamos alguns excertos da obra de ambos autores a fim de ajudar a compor a base teórica que consubstancia o referido artigo.

De antemão, salientamos que não faremos análises de grande envergadura sobre a obra marxista, buscaremos subtrair dos escritos desse autor algumas citações em que

¹Professor da rede municipal de ensino e doutorando do Programa de Pós Graduação em Sociedade e Cultura na Amazonia – UFAM, marcosdutra30@gmail.com

² Orientadora, doutora, professora da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia FEF/UFAM, artemissoares@yahoo.com.br



ele aborda a questão da ideologia e da alienação como elementos utilizados pela classe dominante para reprodução da ordem social.

A metodologia selecionada inclui uma análise reflexiva a partir do livro “A importância do ato de ler em três artigos que se completam”, de Paulo Freire, com o atual cenário da alfabetização na Amazônia, para isso selecionamos matérias jornalísticas a fim de consubstanciar a análise. Faz parte também um levantamento de matérias em jornais eletrônicos.

Num primeiro momento destacamos a matéria **Estudantes brasileiros devem demorar mais de 260 anos para atingir qualidade de leitura de países desenvolvidos**. Publicada no dia 23/04/2018 pelo portal da Confederação Nacional dos Municípios a matéria repercutiu no âmbito acadêmico deixando vários profissionais, que militam no campo educacional, preocupados com o processo de alfabetização que está sendo ofertado nas escolas do nosso país, pois, de acordo com a matéria citada, o Brasil está produzindo alunos com pouca ou quase nenhuma autonomia quanto ao ato de ler.

Mais adiante selecionamos duas matérias que abordam também a questão da leitura, desta feita destacamos os dados acerca da educação infantil no Norte do Brasil, com ênfase no estado do Amazonas. Aqui aparece a questão da pobreza atrelada ao baixo rendimento escolar nesta região do país. Nesse sentido, lançamos mão da seguinte indagação: Será que o baixo índice de leitura está relacionado com o aumento do índice de pobreza na região? Este trabalho busca, parafraseando Paulo Freire, “clarear”, possibilidades de respostas a essa indagação.

METODOLOGIA

A metodologia desse trabalho incluiu levantamento e análise de matérias jornalísticas sobre o cenário da alfabetização na Amazônia. Para fundamentar nosso olhar analítico sobre o conteúdo das matérias, selecionamos a obra de Paulo Freire “A Importância do ato de ler em três artigos que se completam”, e alguns excertos da obra de Karl Marx, “O capital”.

REFERENCIAL TEÓRICO



ALFABETIZAÇÃO: UM ANÁLISE NA PERSPECTIVA FREIREANA

Escolher produzir uma reflexão acerca da “A Importância do Ato de Ler – em três artigos que se completam” do patrono da educação brasileira, de reconhecimento internacional, Paulo Freire³, é fazer uma incursão teórica por um material educativo e precioso. Ao mesmo tempo se retoma os estudos deste autor e de sua proposta alfabetizadora amplamente divulgada em nosso país, por esse motivo acreditamos ser uma tarefa desafiadora.

É sabido por parte da comunidade acadêmica que os escritos de Freire sempre estiveram muito próximos aos de Marx, autor que também propomos dialogar. Freire é brasileiro, natural do Estado de Pernambuco, nasceu em 19 de setembro de 1921, é o patrono da educação brasileira, escreveu obras de repercussão internacional, com destaque para Pedagogia do Oprimido⁴, considerada, pelos especialistas sua mais importante literatura. Há de se destacar que o autor em questão é formado em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco, suas obras tiveram significativa influência do pensamento marxista.

A fim de referendar nosso argumento inicial, ressaltamos que a obra de Freire está mais próxima da abordagem que pretendemos estabelecer entre educação e o processo de analfabetismo no Brasil. “Educar é um ato político”, a frase é de Paulo Freire, conforme este autor não existe neutralidade no fazer educacional, portanto, é um ato político. Vejamos o que ele tem a acrescentar ainda mais a esse respeito:

O mito da neutralidade da educação, que leva a negação da natureza política do processo educativo e a torna-lo como um quefazer puro, em que nos engajamos a serviço da humanidade entendida como uma abstração, é o ponto de partida para compreendermos as diferenças fundamentais entre uma prática ingênua, uma prática astuta é outra crítica. (1984, p. 26)

³ “Concomitantemente, tem-se Paulo Freire (1921-1997), pernambucano, educador-pensador da educação popular e da pedagogia que transcendeu os marcos fronteiriços do Brasil, tornando-se mundialmente conhecido por seu engajamento socioeducacional para com o oprimido, a oprimida, o excluído, a excluída.” (DIAS, 2018, p. 181)

⁴ “Em Freire, a ação educativa é transformadora porque não apenas indica que há oprimidos e que são históricas e ontologicamente desumanizados por diferentes sociedades. De fato, esse reconhecimento crítico é o ponto de partida para processos educativos libertadores tanto dos oprimidos quanto dos opressores. Não sem motivo, sob influência do pensamento marxista, inicia suas reflexões em Pedagogia do Oprimido.” (DIAS, 2018, p. 182)



No dia 23/04/2018, o portal da Confederação Nacional dos Municípios publicou uma matéria com o seguinte slogan: **Estudantes brasileiros devem demorar mais de 260 anos para atingir qualidade de leitura de países desenvolvidos.** A data da publicação da matéria coincidiu com a comemoração do Dia Mundial do Livro. A matéria adverte que “O brasileiro lê pouco e, no geral, lê mal. Por isso, o dia do livro, além de celebração, traz também uma imperiosa reflexão sobre seu papel na formação social e hábitos de leitura.”

A partir da afirmação acima podemos elencar algumas indagações, “o brasileiro lê pouco e, em geral, lê mal”, tal constatação estaria atrelada a ausência do Estado enquanto provedor de políticas públicas voltadas ao fomento da leitura no âmbito escolar? Por esse motivo ele seria “presa” de fácil cooptação por parte do sistema ideológico dominante e conseqüentemente tornaria alienado e acrítico? Há interesses do Estado na permanência desse “estado de coisas” a fim de que uma classe possa se sobrepor a outra?

Marx nos aproxima de possíveis respostas para as indagações acima, assegurando que as relações de propriedades em vigor e o poder político de certos grupos sobre outros desencadeiam a desigualdade social enviesados por um processo onde a ideologia é utilizada para reprodução de determinados interesses. Marx afirma que (1996, p.11)

A ideologia é, assim, uma consciência equivocada, falsa, da realidade. Desde logo, porque os ideólogos acreditam que as ideias modelam a vida material, concreta, dos homens, quando se dá o contrário: de maneira mistificada, fantasmagórica, enviesada, as ideologias expressam situações e interesses radicados nas relações materiais, de caráter econômico, que os homens, agrupados em classes sociais, estabelecem entre si.

De acordo com Freire (1984) a leitura não pode ser um ato repetido várias vezes de forma “mecanicamente memorizada”, sem uma verdadeira interpretação do real. Se ela for usada dessa forma estará a serviço do analfabetismo “não permitindo que o povão participe ativamente da reinvenção constante da sua sociedade” (1984, p. 38). Assim o povão será cooptado pelo sistema, este ultimo faz uso da ideologia para transmitir e divulgar seus interesses.



Não seria ingênuo de nossa parte afirmar que na sociedade brasileira, a leitura do ponto de vista histórico, sempre teve viés elitista, vide a educação ofertada pela Companhia de Jesus⁵, organizada pelo padres jesuítas por ocasião do processo de colonização e de dominação europeu que ocorreu no Brasil, aos filhos dos colonos era ofertada uma educação propedêutica, que incluía o latim, a astronomia, etc. Para os índios era ofertada apenas a leitura das primeiras letras, evidenciando assim que, se no Brasil atual o brasileiro lê mal, tal fato está associado a questões históricas, políticas e econômicas. Freire (1984, p. 41), adverte: “O Brasil foi ‘inventado’ de cabeça para baixo, autoritariamente. Precisamos reinventá-los em outros termos.”

A reinvenção que Freire se refere passa também pela atuação do educador. Na perspectiva dele, o professor não pode se deixar dominar nem deve ser escravo do sistema manipulador tornando seu fazer pedagógico uma prática neutra. Para isso deve estar certo de seu compromisso e responsabilidade quanto ao processo educativo, pois a educação deve ser assumida como um ato político, não como um ato involuntário e de rebeldia, mas um ato pensado racionalmente, crítico, e não um posicionamento ingênuo e descompromissado. Para Freire (1984, 26)

Do ponto de vista crítico, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político. Isto não significa, porém, que a natureza política do processo educativo e o caráter educativo do político esgotem a compreensão daquele processo e deste ato. Isto significa ser impossível, de um lado, como já salientei, uma educação neutra, que se diga a serviço d humanidade, dos seres humanos em geral; de outro, uma prática esvaziada de significação educativa.

Nesse contexto não podemos deixar de citar Emília Ferreiro (1999), leitura obrigatória quando se fala de alfabetização. Embora esta autora não trate especificamente sobre alfabetização de adultos, ela assegura que esta categoria é uma forma da criança se apropriar das funções sociais da escrita, que os desempenhos que não possam ser representados por crianças de classes sociais diferentes no decorrer do processo de alfabetização⁶ não mostram capacidades desiguais, e sim o acesso maior ou

⁵ “A atuação dos missionários jesuítas, nesse primeiro momento, foi imperativa, pois a educação por eles apreendida e praticada, visava consolidar os interesses da Cora portuguesa nas suas colônias.” (SOUZA, 2016, p.45)

⁶ “É difícil falar de alfabetização evitando as posturas dominantes neste campo: por um lado o discurso oficial e, por outro, o discurso meramente ideologizante, que chamarei ‘discurso da denúncia’. O discurso oficial centra-se nas estatísticas; o outro despreza essas cifras tratando de desvelar ‘a face oculta’ da



menor a textos lidos desde os primeiros anos de vida. A autora destaca o papel da ideologia no conjunto de ações que a educação se apropria para “maquiar” realidades constrangedoras que ocorrem no interior das escolas.

Sobre as funções sociais da escrita, Freire (1984, 33) traz a seguinte contribuição:

O caráter mágico emprestado à palavra escrita, vista ou concebida quase como uma palavra salvadora, é uma delas. O analfabeto, porque não a tem, é um “homem perdido”, cego, quase fora da realidade. É preciso, pois, salvá-lo, e sua salvação está em passivamente receber a palavra – uma espécie de amuleto – que a “parte melhor” do mundo lhe oferece benevolente. Daí o papel do analfabeto não seja o de sujeito de sua própria alfabetização, mas o de paciente que se submete socialmente a um processo em que não tem ingerência.

Por esse motivo que a alfabetização deve ser considerada uma prática humana permeada por um ato consciente, crítico, portanto democrático. Freire destacou que a sociedade é permeada por contradições que penetram o amago das instituições. Logo, se o educador não estiver consciente de seu papel político, permitirá que a ideologia dominante prevaleça e reproduza seu ideal de sociedade. Nessa perspectiva, cabe ressaltar que o ideal da burguesia é manter o *status quo*, deixando a margem aqueles que não fazem parte de sua classe, ou seja, a classe dominante. Freire (1984, p. 29) alerta: “O que temos que fazer, então, enquanto educadores ou educadoras, é aclarar, assumindo a nossa opção, que é política, e ser coerentes com ela, na prática.”, para que nossos educandos sejam promovidos a patamares significativos quanto ao ato de ler, “a insistência na qualidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a ser compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita.” Freire (1984, p. 19).

Nessa perspectiva, as matrizes curriculares são uma espécie de espinha dorsal para a efetivação de conteúdo alfabetizador. Portanto, a escola, os educadores devem estar cientes de seu papel coerente e crítico para que a transformação social possa ser não apenas uma utopia. Freire (1984, 29) enfatiza que “A questão da coerência entre a opção proclamada e a prática é uma das exigências que educadores críticos se fazem a si

alfabetização. Onde o discurso oficial fala de quantidade de escolas inauguradas, o discurso da denúncia enfatiza a má qualidade dessas construções ou desses locais improvisados que carecem do indispensável para realização de ações propriamente educativas.” (FERREIRO, 2010, p. 9)



mesmos. É que sabem muito bem que não é o discurso o que ajuíza a prática, mas a prática que ajuíza o discurso.” Cabe destacar ainda que: “A teoria materialista de que os homens são produto das circunstâncias e da educação e de que, portanto, homens modificados são produto de circunstâncias diferentes e de educação modificada esquece que as circunstâncias são modificadas precisamente pelos homens e que o próprio educador precisa ser educado. (1999, p.5) (grifo nosso)

EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO NA AMAZÔNIA

De acordo com Marx, as questões de ordem econômica estão no bojo das implicações que determinam os caminhos das instituições, e a educação está no bojo dessas questões. Se a educação assumir um papel doutrinário jamais as mudanças pensadas a partir da ação consciente que dela devam advir irão acontecer, pois uma educação precária irá negar aos educandos a superação das dificuldades e dos entraves que impossibilitam a eles possibilidade de avançarem das condições deficitárias nos diferentes campos em que os mesmos se encontram.

E para que tal fato seja superado, entendemos que os conteúdos a serem trabalhados nas escolas devam ser pensados a partir de uma proposta de uma educação democrática, inclusiva e emancipatória, principalmente às classes menos favorecidas. O processo de luta de classes revela que a questão política no seio educacional é bastante complexo e tem se mostrado como um elemento determinante na consolidação da divisão de classes sociais. Apresentamos a seguir dados estatísticos que revelam o atual quadro da alfabetização no Brasil com ênfase no cenário da região Norte do país.

No dia 22 de dezembro de 2017, pouco mais de um ano, o Jornal online D24am⁷, publicou a seguinte matéria: Região Norte tem alto índice de analfabetos. As regiões Norte e Nordeste registraram os maiores percentuais de pessoas sem instrução, 14,5% e 19,9% respectivamente. Os dados têm como fonte o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

No mesmo mês do mesmo ano, precisamente no dia 18 de dezembro de 2017, o Portal Amazonia⁸, site online, traz a seguinte matéria: Estados da Amazonia lideram pobreza no país. A informação foi coletada no site do IBGE⁹. A matéria segue

⁷ www.d24am.com

⁸ www.portalamazonia.com

⁹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística



afirmando que “Quando se avalia os níveis de pobreza no país por estados e capitais, ganham destaque – sob o ponto de vista negativo – as Regiões Norte e Nordeste com maiores valores, sendo observados no Amazonas (42%) de incidência de pobreza nos domicílios do interior do país.

Buscando compreender a raiz do problema e os meandros que envolvem a complexidade da educação na Amazonia, apresentamos mais dados sobre os ranços e avanços da educação infantil nesta região. No dia 26/03/2018 o Portal Acritica¹⁰ trata como “alarmante” os números a respeito da Educação Infantil no Amazonas. De acordo com este site “A primeira meta do PNE¹¹ (2014-2024) é universalizar a educação infantil, na pré-escola para crianças de 4 e 5 anos, e ampliar a oferta de educação infantil em creches, atendendo, no mínimo, 50% das crianças de até 3 anos, até o fim de 2024. Com relação à pré-escola, em 2015, o Amazonas alcançou 75,8% das crianças de 4 e 5 anos, abaixo da média nacional, que foi de 90,5%.

Não é demasiado lembrar que este artigo está realizando uma interpretação dos processos educacionais no Brasil, em especial os dados relativos à região Norte, à luz do livro A Importância do Ato de Ler, de Paulo Freire. Nesta obra, o referido autor associa a alfabetização de adultos com a leitura. O PNE em sua última versão aponta as seguintes diretrizes: (Art. 2º) “I - erradicação do analfabetismo; II – universalização do atendimento escolar –de que a matéria acima faz alusão”; III - – superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação; IV – melhoria da qualidade da educação.

Ainda sobre o PNE, a Meta 3 traz como proposta “universalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de quinze a dezessete anos e elevar, até o final do período de vigência deste PNE, a taxa líquida de matrículas no ensino médio para oitenta e cinco por cento.” Para que esta meta seja alcançada, o referido documento, na sua estratégia 3.10, orienta que é necessário “fomentar programas de educação e de cultura para a população urbana e do campo de jovens, na faixa etária de quinze a dezessete anos, e de adultos, com qualificação social e profissional para aqueles que estejam fora da escola e com defasagem no fluxo escolar”. Essa estratégia, ao tratar da questão dos jovens e adultos que estão fora da escola e com defasagem no

¹⁰ www.portalacritica.com

¹¹ Lei 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências.



fluxo escolar, está colocando em pauta a alfabetização de jovens e adultos e a situação da distorção idade série.

A respeito das matérias destacadas para análise neste artigo, é possível relacionar os dados sobre analfabetismo com os índices alarmantes de pobreza no Amazonas? A partir dos escritos de Marx entendemos que tal relação é possível, pois o capitalismo é um sistema econômico que distribui de forma desigual o lucro, nele o trabalhador vende sua mão de obra de forma barata, implica dizer a maior parte do lucro fica com quem detém os modos de produção. Para Marx (1996), tal sistema teórico distingue-se pela exposição das tendências dinâmicas inerentes ao modo de produção, as quais, se lhe impulsionam o crescimento, ao mesmo tempo desenvolvem suas contradições internas e o conduzem à decadência. Dito de outro modo: a partir do modo de produção capitalista, quem é rico vai continuar mais rico e quem é pobre vai continuar ainda mais pobre.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do argumento expostos, podemos deduzir que o filho da classe operária, que na sua grande maioria estuda na escola pública onde o Estado é o principal provedor, é quem de fato estará em desvantagem. A educação brasileira tem amargado índices pífios quando o assunto é erradicação do analfabetismo, vide os dados que apresentamos anteriormente, neles a classe pobre da região Norte, incluindo o Amazonas, não tem logrado êxito quanto a autonomia da leitura e da escrita “[...] porque a persistência do analfabetismo na região é antes e tudo um problema político (o qual tem sido reconhecido não por uma tomada de decisão política, mas por várias posições políticas contrastantes). (FERREIRO, 2010, p. 10)

Sem um aparato educacional que favoreça o crescimento intelectual e crítico da criança e do jovem de qualquer região do país fica difícil assegurar que eles possam ascender na pirâmide social (a reportagem confirma nosso argumento), o máximo que pode acontecer é, a exceção se tornar a regra, ou seja, numa escala de 0 a 10, crianças que frequentam a escola pública, aquela que ingressa aos 6 anos de idade com vistas a ser alfabetizada, apenas 02 conseguirão chegar ao 3º ano desenvolvendo com competência as habilidades necessárias para que ela possa seguir com segurança para o 4º e o 5º ano e avançar para a II etapa do Ensino Fundamental com competência.



Portanto, a educação alfabetizadora é um fator determinante para a diminuição do fosso social, crianças e jovens alfabetizados, certamente serão capazes de compreender os mecanismos de reprodução de uma classe sobre a outra. Para Marx e Engels, *apud* Rodrigues:

A educação dará aos jovens a possibilidade de assimilar rapidamente na prática todo o sistema de reprodução e lhes permitirá passar sucessivamente de um ramo de produção a outro, segundo as necessidades da sociedade ou suas próprias inclinações. Por conseguinte, a educação nos libertará desse caráter unilateral que a atual divisão do trabalho impõe a cada indivíduo. Assim, a sociedade organizada dará a seus membros a possibilidade de empregar em todos os aspectos suas faculdades desenvolvidas universalmente. (2007, p. 48)

A alfabetização de jovens e adultos tem se mostrado também um desafio no campo educacional. A superação desse desafio não se limita a exercícios de prontidão, mas é um espaço aberto para que jovens e os adultos atuem sobre sua própria condição de educando, exercitando formas socializadas de sua representação, fazendo com que percebam como determinadas escritas representam diferentes modos de representação da linguagem. A alfabetização de adultos deve contribuir para que o alfabetizando se torne agente de transformação da sua própria história. Para Freire: (1984, p.44)

É preciso, na verdade que a alfabetização de adultos e a pós alfabetização, a serviço da reconstrução nacional, contribuam para que o povo, tomando mais a sua História nas mãos, se refaça da feitura da História. Fazer a História é estar presente nela e não simplesmente estar representado nela. O povo que aceita, passivamente, sem o mais mínimo de inquietação, a notícia segundo a qual, em defesa de seus interesses, “fica decretado que, nas terças feiras, se começa a dizer boa noite a partir de duas horas da tarde”. Este será um povo puramente representado, já não presente na História

Acreditamos que a prática pedagógica de professores, constituída de um arsenal rico em diferentes vieses de criticidade poderá apontar para um novo cenário de educação na Amazonia, não queremos dizer com esta afirmação que o professor é o único responsável pelo processo de transformação social, mas que ele, agindo de forma consciente e compromissada, possa libertar e se libertar do sistema opressor que a ideologia se encarregou de naturalizá-lo. Freire (1984) afirma que, quanto mais



conscientemente forem professor e aluno, mais rapidamente perceberão, as dificuldades que tem de enfrentar para se libertarem do domínio econômico, político e sociocultural .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho procuramos realizar o que nos propusemos inicialmente: analisar alguns dados acerca do analfabetismo no Brasil e sua relação com a desigualdade social no país, o foco específico recaiu sobre a região Norte. Fizemos uso dos escritos de Paulo Freire “A Importância do Ato de Ler – em três artigos que se completam, para analisarmos o processo de alfabetização engendrado no Amazonas nos anos citados na matéria.

Nessa perspectiva foi possível perceber que, com relação os aspectos que envolvem o ato de ler e sua relação com processo de alfabetização, o Brasil está recuando, ou seja, aumentou o índice na analfabetos, dados coletados do IBGE, evidenciaram que os jovens e adolescentes brasileiros irão levar **“mais de 260 anos para atingir qualidade de leitura de países desenvolvidos”**. Um dado no mínimo preocupante.

Na mesma linha de matérias jornalísticas cujo conteúdo versam sobre assuntos relacionados a educação, o Portal Acritica apresentou números a respeito da Educação Infantil no Amazonas. Antes de ajuizar valor, a matéria buscou relacionar tais dados com as pretensas metas do PNE (2014-2024). No bojo das informações, foi possível constar que o Amazonas alcançou 75,8% das crianças de 4 e 5 anos, abaixo da média nacional, que foi de 90,5%.

O Amazonas, estado que compõe a geografia do Brasil, é incluído nas políticas educacionais que visam dar conta de solucionar problemas relacionados ao campo educacional no país, ainda assim amargou dados abaixo da média nacional. Na perspectiva da literatura selecionada, foi possível constatar que um povo sem oferta de educação de qualidade esta malfadado a ser “engolido”, ludibriado por aqueles que se valem do poder para prover uma educação escolar contra hegemônica.¹²

¹² “Entendemos que são inúmeras as dificuldades para a implantação de um modo escolar que atenda aos interesses da classe contra hegemônica em geral e as sociedades indígenas em particular. Além do descaso com que o Estado atende as escolas não destinadas às elites há a dificuldade de implementar um modelo pedagógico adequado que canalize e atenda o interesse da comunidade que recebe a escola.” (RODRIGUES; LOMBARDI. 2016, p.39)



Enfim, Marx sinalizou que nenhum conteúdo educacional que propõe doutrinação aos seus ouvintes mudaria a visão dos mesmos sobre o processo de emancipação humana, Freire contribuiu afirmando que a alfabetização é um ato político, porque educar perpassa por uma ação consciente e política, para que a liberdade e a democracia sejam definitivamente efetivadas.

REFERÊNCIAS

DIAS, Alder de Sousa. Diálogos entre Paulo Freire e Enrique Dussel: por uma educação como práxis de libertação. In. FRANÇA, Maria do Perpetuo Socorro Avelino de. **História da Educação na Amazônia: múltiplos sujeitos e práticas educativas.** Curitiba: Editora CRV, 2018.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler** – em três artigos que se completam. 6. ed. São Paulo: Autores Associados, 1984.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras.** retradução e cotejo de textos de Sandra Trabucco. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Reflexões sobre Alfabetização.** Vários tradutores. 25. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARX, Karl. **O Capital – Tomo I.** Trad. Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____. **Teses Sobre Feuerbach.** Versão para e-book. Disponível em www.jahr.org 1999.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação.** 6. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

RODRIGUES, Gilbeto César Lopes; LOMBARDI, José Claudinei. Educação e emancipação na escola indígena: uma análise à luz dos fundamentos filosóficos da pedagogia histórico-crítica. In. ESTÁCIO, Marcos André Ferreira; NICIDA, Lucia Regina de Azevedo. **História e Educação na Amazônia.** Manaus: EDUA; UEA Edições, 2016.

SOUZA, Adria Simone Duarte de. A construção do conceito de bilinguismo na educação escolar indígena: o caso dos Munduruku do Rio Canumã-AM. In. ESTÁCIO, Marcos André Ferreira; NICIDA, Lucia Regina de Azevedo. **História e Educação na Amazônia.** Manaus: EDUA; UEA Edições, 2016.